

A BIBLIOTECA PESSOAL COMO LUGAR DE MEMÓRIA:

reflexões sobre legado, aspectos sociais e simbólicos dos livros

THE PERSONAL LIBRARY AS A PLACE OF MEMORY:

reflections on legacy, social and symbolic aspects of books

Vandelir Camilo¹

Lilian Casimiro²

RESUMO

Este artigo busca refletir sobre aspectos sociais e simbólicos a partir da biblioteca pessoal do cardeal dom Lucas Moreira Neves (1925-2002), ex-prefeito da Congregação dos Bispos, arcebispo, primaz do Brasil e ex-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O artigo avança em questões que concernem à subjetividade da biblioteca, a partir dos conceitos de lugar de memória e legado no campo da memória social. Trata de um estudo que busca identificar os agentes responsáveis pela organização e criação dessa biblioteca pessoal, bem como as condições sociais e simbólicas na constituição desse acervo. Identifica uma projeção da biblioteca por parte dos agentes envolvidos que lançam esses livros à imagem intelectual do religioso. Constata que tal projeção sobre os livros é empregada pelo titular, pelos herdeiros dessa memória e pelos atuais custodiadores desse acervo depositado no Memorial Cardeal dom Lucas.

Palavras-chave: Memória Social. Biblioteca Pessoal. Lugar de Memória.

ABSTRACT

This article seeks to reflect on social and symbolic aspects from the personal library of Cardinal dom Lucas Moreira Neves (1925-2002), former mayor of the Congregation of Bishops, archbishop, primate of Brazil and former president of the National Conference of Bishops of Brazil (CNBB). The article advances on issues concerning the subjectivity of the library, based on the concepts of place of memory and legacy in the field of social memory. It is a study that seeks to identify the agents responsible for the organization and creation of this personal library, as well as the social and symbolic conditions in the constitution of this collection. A projection of the library by the agents involved who launch these books to the intellectual image of the religious is identified. It appears that such projection on the books is employed by the holder, by the heirs of that memory and by the current custodians of this collection deposited at the Cardinal dom Lucas Memorial.

Keywords: Social Memory. Personal Library. Place of Memory.

Submissão: 24 out. 2020

Aprovação: 1 nov. 2020

¹ Doutorando em Memória Social, UNIRIO. Mestre em História Política, Escola de Ciências Sociais, FGV, RJ. E-mail: vrneves@yahoo.com.br.

² Bacharel e mestranda em Biblioteconomia, UNIRIO. E-mail: lilian.casimiro@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, desde princípios da década de 2000 (FRAIZ, 1998; CAMARGO, 2009; HEYMANN, 2012), pesquisadores de diversas áreas do saber debruçam-se sobre investigações que possibilitem distintas análises sobre as coleções, os arquivos pessoais e toda espécie de artefato de memória. As bibliotecas pessoais de homens públicos, religiosos, em especial, ocupam, timidamente, parques debates no campo da memória social. Contudo, esses espaços muito podem contribuir para discussões relativas às construções sociais de memória³. O objetivo deste artigo é problematizar a biblioteca pessoal do cardeal dom Lucas Moreira Neves, instalada no Memorial que carrega seu nome, a partir de dois conceitos do campo transdisciplinar da memória social.

Em primeira ordem, buscamos compreender essa biblioteca pessoal como um *lugar de memória* (NORA, 1993), que, aqui, será entendida “[...] como tudo aquilo que, por vontade dos homens, através do tempo e de embates políticos, foi convertido em patrimônio memorial de qualquer comunidade.” (CAMILO, 2018). Para além disso, podemos compreender que essa biblioteca funcionaria como uma espécie de *legado* (HEYMANN, 2005), patrimonial e intelectual, do titular dessa memória. Tal ideia possibilita refletir sobre questões, neste texto, que concernem à constituição e à manutenção social desse espaço, definido pela instituição como legado intelectual do religioso.

Dito isso, pretendemos, a partir de um estudo de caso, apresentar um painel que possibilite constituir referenciais teóricos que se adequem a essa realidade (NORA, 1997; HEYMANN, 2005). De fato, é um estudo inicial, que possibilitará futuras pesquisas comparativas entre bibliotecas pessoais de homens públicos e novas construções teóricas. Gostaria, pois, de afirmar que não temos, neste texto, maiores pretensões de esgotar quaisquer debates relativos ao tema; o que procuramos aqui é provocar futuros trabalhos que privilegiem a organização das bibliotecas pessoais de homens públicos como lugares de memória e legados de determinada comunidade – neste caso, um memorial –, como profícuo campo de pesquisas e debates que muito poderão contribuir para ventilar as subjetividades que apresentam a atuação dos

³ Entendemos como bibliotecas pessoais as coleções de livros, de origem privada, acumulados por pessoas físicas e que se relacionam, de alguma forma, às atividades desenvolvidas e aos interesses cultivados por essas pessoas ao longo de sua de sua vida.

titulares de biblioteca pessoais em seu acervo, a ação dos herdeiros de memória que culminam com o desfecho final do projeto, seus objetivos e estratégias de memória e, finalmente, as narrativas de memória que são capitaneadas pela instituição de guarda na organização.

De acordo com Heymann (2012), os herdeiros de memória podem ser compreendidos não apenas como familiares, mas também como pessoas que são depositárias de uma herança de memória. Gomes (1996) define o herdeiro ou o guardião de memória como aquele que coleciona a história do grupo ao que pertence e realça:

O guardião ou mediador, como também é chamado, tem como função primordial ser um 'narrador privilegiado' da história do grupo a que pertence e sobre o qual está autorizado a falar. Ele guarda/possui 'marcas' do passado sobre o qual se remete, tanto porque se torna um ponto de convergência de histórias vividas por muitos outros grupos (vivos e mortos), quanto porque é o 'coleccionador' dos objetos materiais que encerram aquela memória (GOMES, 1996, p. 7).

Assim, diferentes percursos de pesquisa podem ser trilhados para que indiquem a relação do titular/produtor com a “classificação” final dada à biblioteca e a atuação dos herdeiros e guardiões de memória sobre todo o acervo. Por esta perspectiva, a importância de estudos que produzam conhecimentos a partir das premissas anteriormente expostas é tal que pode ajudar a compreender a trajetória e os desafios na organização da biblioteca pessoal do cardeal dom Lucas, o que pode ser capaz de revelar embates, interesses e estratégias de memória e identidade desse espaço⁴.

Nora (1993), ao categorizar os lugares de memória em uma obra monumental dividida em sete volumes, intitulada *Les lieux du mémoire* [Lugares de memória], na década de 1980, contou com diferentes autores e pensadores franceses. No texto “Entre memória e história: a problemática dos lugares de memória”, o historiador conceituou esses lugares como uma síntese que busca ressarcir a ausência, o que foi perdido. Para Nora (1993) os lugares de memória funcionariam a partir de oposições binárias entre memória e esquecimento ou entre memória e história, centrando-se na ideia de que os modos de vida não mais existentes, as trajetórias perdidas, seriam melhores do que a contemporaneidade, e é por isso que, segundo o autor, criamos

⁴ Cf. Denys Couche (2012) e Anthony Giddens (2002), autores que buscam compreender a identidade social como um dos núcleos de uma construção social na qual se determina a posição dos agentes, suas representações e escolhas identitárias.

lugares de memória – “[...] daí o aspecto nostálgico desses empreendimentos [...]” (NORA, 1993, p.13).

Nesse sentido, os lugares de memória culminariam numa “vontade de memória” produzida por uma aura simbólica, representacional e identitária. No caso da biblioteca pessoal do Memorial Cardeal Dom Lucas Moreira Neves, podemos observar que os agentes, as narrativas e as estratégias desses herdeiros buscam, a partir dos livros, constituir uma ideia nostálgica de um legado intelectual e patrimonial para aquela comunidade.

Heymann (2005) sustenta a ideia de que a criação de lugares de memória, memoriais, centros de documentação, arquivos ou bibliotecas que têm em sua origem a guarda de acervo centrados no percurso de um personagem pode ser entendida como um *legado*, ou seja, um investimento social no qual a memória se torna exemplar e fundadora de um projeto social, ideológico e político. Seguindo as premissas dessa pesquisadora e recorrendo à sua problematização para este artigo, podemos observar que a narrativa do memorial em questão, a partir da biblioteca pessoal do cardeal, apresenta-se como legatário da trajetória de um dos mais influentes prelados da Igreja Católica brasileira na segunda metade do século XX.

Dom Lucas também foi atuante em diferentes contextos sociais, frade dominicano e intelectual; manteve fortes ligações com o Vaticano, esteve a serviço direto de dois Papas – Paulo VI e, especialmente, João Paulo II – e atuou em diversos postos-chave na hierarquia eclesiástica, tais quais primaz do Brasil, secretário e presidente da Congregação dos Bispos e presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Por isso, a instituição com seu nome postula, aos livros e objetos do memorial, a ideia de “patrimônio cultural de dom Lucas”.

Para confirmar nossas hipóteses, invocamos, novamente, Heymann (2005), ao salientar que o processo de produção de legado reflete o lugar ocupado por esses sujeitos no passado e os recursos e as adesões que consigam mobilizar em torno do projeto no presente e:

A produção de um legado implica, de fato, na atualização (presente) do conteúdo que lhe é atribuído (passado), bem como na afirmação da importância de sua constante rememoração (futuro). As ações que tomam os legados históricos como justificativa, sejam elas comemorações, publicações ou a organização de instituições alimentam o capital simbólico de que são dotados, um capital que carrega em si o atributo da continuidade, da sobrevivência ao tempo. (HEYMANN, 2005, p. 3).

Em vista disto, é preciso enxergar dom Lucas como um homem que ocupou lugar singular na Igreja Católica, Apostólica e Romana. Sua posição possibilitou que ele transitasse por diferentes lugares da hierarquia da Igreja Católica, neste país e no exterior. Além disso, seu nome foi recorrentemente apontado como *papabile*, possível substituto de João Paulo II. É essa, portanto, a narrativa adotada por sua instituição de memória, conforme afirma o diretor do memorial em entrevista na sede: “Se Deus não é brasileiro, o Papa quase foi.”⁵.

Dom Lucas Moreira Neves⁶ foi um cardeal brasileiro nascido em 1925, na cidade de São João del-Rei, em Minas Gerais, e falecido em Roma, em 2002. Figura emblemática na Igreja Católica, formou-se pela Escola dos Frades Pregadores do estado de São Paulo e, em seguida, concluiu seus estudos teológicos no Convento dominicano de Saint-Maximin, na França, onde se tornou frade em 1950. De volta ao Brasil, em 1952, assumiu diferentes cargos⁷, como de vice-mestre dos noviços no recém-inaugurado Convento São Tomás, no bairro do Leme, no Rio de Janeiro⁸. Em 1967, foi nomeado, pelo Papa Paulo VI, bispo auxiliar do cardeal Agnelo Rossi, em São Paulo, e confirmado, em 1970, auxiliar de Dom Paulo Evaristo Arns, desempenhando essas funções até 1974, quando foi transferido para o Vaticano, assumindo a vice-presidência do Conselho dos Leigos e permaneceu na capital italiana por 13 anos.

Entre 1987 e 1998, podemos afirmar que dom Lucas participou ativamente do contexto em que estava inserido: foi presidente da CNBB e provocou embates contra os meios de comunicação, em especial a Rede Globo de Televisão, que, segundo ele, “imbecilizava” a sociedade. Foi crítico ferrenho em questões relacionadas ao sincretismo religioso, especialmente em Salvador (BA), levando a constantes embates com integrantes de religiões afro-brasileiras. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras e a Academia Brasileira de Filosofia e publicou nove

⁵ Disponível em: www.memorialdomlucas.org.br e <https://saojoaodelreitransparente.com.br/works/view/971>. Acesso em: 23 out. 2017.

⁶ Seu nome de registro civil era Luiz Moreira Neves; somente após noviciado na Ordem Dominicana, em 1944, é que houve a troca de nome para Lucas, em homenagem ao evangelista São Lucas (NEVES; VAYNE, 2006).

⁷ Foi coordenador do Movimento Familiar Cristão (MFC) e da Juventude Estudantil Católica (JEC) e redator da revista *Santo Rosário*.

⁸ A comunidade dominicana no Rio de Janeiro foi fundada como casa em 1927; somente em 1952 foi erigida em Convento. Na época, o então frei Lucas foi contemporâneo dos frades Marcus Faria e Bruno Palmas. Disponível em: <http://www.dominicanos.org.br/site457/detalhes8.php?id=39>.

livros pelas editoras Record, Rosa dos Tempos e Universidade Católica da Bahia. Além disso, foi colunista semanal de diversos jornais brasileiros.

Após onze anos no Brasil, no primeiro semestre de 1998, retornou a Roma, assumindo um dos cargos mais importantes da hierarquia da Igreja Católica: cardeal-bispo⁹. Foi designado presidente da Congregação dos Bispos e da Pontifícia Comissão para a América Latina¹⁰. Dom Lucas faleceu em Roma, em setembro de 2002, aos 77 anos. Seus funerais foram realizados na Basílica de São Pedro e contaram com a presença de diferentes autoridades – as exéquias foram celebradas por João Paulo II e concelebradas pelo cardeal Joseph Ratzinger, futuro Papa Bento XVI. Ao longo de sua trajetória, diversas autoridades e órgãos da imprensa conjecturavam sobre a possibilidade de ele se tornar um substituto para João Paulo II, tendo seu nome configurado nas listas de um *papabile* latino-americano.

Aspiramos chamar atenção do leitor para a imagem monumental e engrandecedora que se estabelece desse personagem e que se reflete na monumentalização de um lugar para sua memória. Nesse sentido, a narrativa memorial busca estabelecer os atributos de religioso, intelectual e conjecturado a assumir a cátedra de Roma, levando a instituição a adotar uma narrativa de um lugar de memória de um possível Papa brasileiro.

Em setembro de 2003, foi inaugurado, na cidade de São João del-Rei, o Memorial Cardeal Dom Lucas Moreira Neves. Esse lugar de memória é dividido entre um museu, um arquivo pessoal e uma biblioteca. O museu exhibe os objetos religiosos desse cardeal; o arquivo permanece, ainda hoje, fechado para consulta; e a biblioteca é exaltada na narrativa institucional. É preciso que se registre que esse empreendimento foi realizado graças aos esforços de uma das irmãs do cardeal, Stella Neves, primeira diretora da instituição e herdeira de sua memória.

A biblioteca contém livros relacionados à trajetória de dom Lucas, com ênfase no período em que foi estudante na Ordem dos Dominicanos, além do período em que

⁹ Cardeal-bispo é um dos cargos mais importantes da Igreja Católica, Apostólica e Romana. Esses religiosos assumem em *ex officio* as dioceses mais antigas de Roma, composta pelas respectivas igrejas suburbicárias de Roma, dioceses cardinalícias que ficam localizadas na região do *lacio*, em torno de Roma: Óstia, Porto-Santa Rufina, Albano, Frascati, Palestrina, Sabina-Poggio-Mirteto e Velletri-Segni.

¹⁰ A Pontifícia Comissão para a América Latina é um organismo da Cúria Romana que tem por função promover estudos doutrinários e pastorais relativos ao desenvolvimento da Igreja na América Latina.

atuou como arcebispo e primaz do Brasil. Localiza-se, em sua biblioteca pessoal, uma edição rara do livro *Comede Presbyterium Mnemosyne*, presenteado a dom Lucas pela irmã do Papa Paulo VI, Maria Antônia, em 26 de agosto de 1984. A biblioteca foi reunida com cuidado pelo titular ao longo de toda sua trajetória eclesiástica, tanto no Brasil como na Europa.

É importante ressaltar que, ao trabalharmos com representações, simbolismos e subjetividades sobre a biblioteca pessoal, em diálogo com a trajetória do cardeal, através de suas entrevistas, documentos e artigos, temos consciência dos riscos a que estamos expostos. Contudo, é importante entendermos que os valores desses estudos:

[...] se dão na possibilidade de levar em conta o caráter arbitrário da configuração de cada um desses conjuntos, dada a independência e variedade das situações em que são gerados e acumulados os diversos documentos que os compõem, além das múltiplas interferências a que estão sujeitos. (HEYMANN, 2012, p. 45).

Após a apresentação sucinta sobre a biblioteca e a atuação de dom Lucas, pretendemos realizar uma breve apresentação sobre o que localizamos em sua biblioteca pessoal.

2 A BIBLIOTECA DO CARDEAL

A biblioteca é formada por, aproximadamente, 10 mil livros, dos quais 70% são obras de cunho religioso¹¹. A questão da quantidade total de livros dessa biblioteca sempre foi controversa: a escritura do memorial, datada de maio de 2003, indica aproximadamente 20 mil livros; entretanto, em setembro de 2004, após a inauguração, a instituição informava, em material de divulgação, que a biblioteca reunia 40 mil livros. E esse número não parava de crescer. Na entrevista concedida em 2013, por ocasião da comemoração dos dez anos de funcionamento da instituição, Stella Neves informou, de forma categórica, haver, no memorial, “uma biblioteca com 50 mil títulos em vários idiomas. Dom Lucas falava, além de português, italiano, francês, inglês, alemão, russo, latim e espanhol”.¹²

¹¹Disponível em:

http://www.conarq.gov.br/images/Declaracao/pareceres/Parecer_22_Dom_Lucas.pdf. Acesso em: 19 out. 2020.

¹²Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2013/03/10/interna_internacional,355887/na-intimidade-dos-papas.shtml. Acesso em: 17 out 2020.

A biblioteca ocupa todo andar térreo da instituição, localizando-se atrás do *foyer* principal. Alguns livros refletem a trajetória de dom Lucas, quer como estudante na França (1947-1951) quer como cardeal e primaz do Brasil (1987-1998), época em que se envolveu em diversos debates relacionados ao universo religioso de matriz africana. A temática dos livros remete, em grande parte, à filosofia tomista¹³. Há, também, obras ficcionais, romances e grande quantidade de estudos etnológicos de pesquisadores da cultura afro-brasileira.

Dois objetos museológicos destacam-se no *décor* da biblioteca. O primeiro é uma fotografia da bênção apostólica do Papa Paulo VI, de 1974, escrito, em italiano, ao monsenhor Lucas Moreira Neves: “Un ringraziamento, un incoraggiamento, una benedizione”¹⁴. O segundo é uma fotografia de João Paulo II, de 1987, com uma dedicatória em português, de próprio punho, “Ao querido irmão Dom Lucas, arcebispo de São Salvador da Bahia, com minha benção.”.

A biblioteca reúne diversos livros de autores que dom Lucas leu no contexto de sua formação teológica em Saint-Maximin, na França, como os de São Vicente de Paulo, Tomás de Aquino, João da Cruz e Teresa de Ávila. As *Cartas de São Vicente de Paulo* foi o primeiro texto que dom Lucas leu em francês (NEVES; VAYNE, 2006, p.3). A biblioteca possui ainda diversos livros escritos por mulheres – freiras carmelitas e dominicanas, todas canonizadas ou beatificadas pela Igreja, tais como Santa Catarina de Sena, Beata Isabel da Trindade e Santa Teresa do Menino Jesus, a “Teresa de Lisieux” – e um número significativo de livros hagiográficos e estudos sobre Santa Teresa. Dom Lucas liderou um movimento, no Vaticano, para essa santa receber o título de doutora pela Igreja Católica, em 1997. Em sua entrevista de história de vida, ele esclarece que “Quando falo de Teresa, Doutora da Igreja, não estou falando de uma doutrina acadêmica, mas de uma doutrina espiritual.” (NEVES; VAYNE, 2006, p. 25). e informa textualmente que escreveu ao “Papa João Paulo II para lhe pedir que declarasse Teresa doutora da Igreja.” (NEVES; VAYNE, 2006, p. 25). Ele mesmo justifica por que reúne tantas escritoras francesas em sua biblioteca e a sua predileção por Teresa de Lisieux:

Em 1951, algumas semanas antes de voltar ao Brasil, tive a oportunidade de ser levado pelo Padre Phillippon ao Carmelo de Lisieux. Falei com as duas

¹³É a filosofia escolástica de São Tomás de Aquino, frade dominicano do século XIII, que se caracteriza pela tentativa de conciliar aristotelismo e cristianismo, ou seja, a filosofia tomista é a metafísica a serviço da teologia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tomismo>. Acesso em: 2 jun. 2017.

¹⁴“Um agradecimento, um encorajamento, uma benção.” (tradução nossa).

irmãs de Santa Teresa, Celina e Paulina, e recebi delas uma mensagem que ilumina meus passos. Elas confiaram a Teresa o meu futuro ministério. Em 1993, presidi as festas teresianas em Lisieux. (NEVES; VAYNE, 2006, p. 24).

Além da predominância de autores franceses, é interessante observar a presença, nas estantes, de diferentes filósofos contemporâneos ao próprio dom Lucas. Provavelmente, a leitura desses escritores era incentivada pelos mestres da escola teológica de Saint-Maximin. Há livros de Joseph-Marie Perrin, Gustave Thibon, Simone Weil, Jacques Maritain e Georges Bernanos em diferentes edições e idiomas.

Os filósofos Joseph-Marie Perrin, Gustave Thibon, Simone Weil e Jacques Maritain, todos eles ligados à ordem dos frades dominicanos na França, destacaram-se no panorama intelectual francês do século XX: tornaram-se importantes difusores da corrente definida como democracia cristã, tão em voga desde o século anterior. Segundo dom Lucas, alguns desses escritores foram seus mestres no Sul da França. Em sua entrevista de história de vida, ele exalta a influência do frade dominicano Joseph-Marie Perrin na sua formação, desde os tempos de seminarista:

O Padre Perrin era meu confessor extraordinário. Ele vinha a Saint-Maximin quatro vezes por ano. Eu aguardava esses encontros com impaciência. Ele me falava de Simone Weil a filósofa cujo contato com Gustave Thibon ele intermediou. Correspondi-me, por longo tempo, com Padre Perrin [...] que, apesar da cegueira, batia à máquina. (NEVES; VAYNE, 2006, p. 18).

A partir dos anos 1950, o pensamento intelectual e social católico passou por grandes transformações. A preocupação com a superação das desigualdades sociais acarretou mudanças profundas no pensamento dos religiosos. Na realidade, desde a Segunda Guerra Mundial, vinha se operando “[...] uma forte inflexão, da direita para o centro e do centro para esquerda [...] no meio intelectual católico brasileiro.” (ARANTES, 2016, não paginado). A participação da Ordem dos Frades Dominicanos, nesse movimento de transformação, foi fundamental.

No Brasil, após a chegada do frade francês Louis-Joseph Lebreton (1898-1968), em 1947, criador do movimento “Economia e Humanismo”, a elite intelectual católica adotou uma postura mais progressista. Os escritores Jacques Maritain, Emmanuel Mounier e Teilhard de Chardin trouxeram novos questionamentos e debates, tanto entre religiosos quanto entre leigos. Jacques Maritain, especificamente, fez parte do processo de formação do cardeal dom Lucas em Saint-Maximin, influenciando sua atuação quando retornou ao Brasil (CAMILO, 2018).

Além de possuir diversas obras desses autores, a biblioteca do memorial apresenta livros que abordam questões relacionadas ao universo de matriz africana, quer sob a forma de romance, como os de Jorge Amado, quer de pesquisas etnográficas, como os trabalhos de Edson Carneiro, com *Religiões negras e Candomblés da Bahia*, Ruth Landes, com *A cidade das mulheres*, e Pierre Verger, com *Orixás e Dieux D'Afrique*. A atuação de dom Lucas como primaz do Brasil levou-o a ter diversos embates com autoridades candomblecistas e pesquisadores de matriz afro-brasileira em questões relacionadas ao sincretismo religioso. As divergências culminaram com a proibição da lavagem das escadarias da Igreja do Nosso Senhor do Bonfim em Salvador, por Filhas e Mães de Santo, na década de 1990.

A biblioteca tem lugar especial no Memorial Cardeal Dom Lucas Moreira Neves e sua instalação foi feita com todo cuidado. Com ela, pretende-se representar a memória do intelectual, e é o que impressiona os visitantes quando adentram ao espaço. As estantes de madeira e o conjunto formado por mesas de estudo reconstroem o ambiente de uma biblioteca institucional e convidam à leitura e ao exercício intelectual.

Se, por um lado, a organização do espaço impressiona favoravelmente, por outro, a biblioteca apresenta alguns problemas operacionais que não podem deixar de ser mencionados neste artigo. Destacamos aqui dois, de diferentes ordens. O primeiro deles é que a biblioteca não segue nenhum procedimento de segurança, na medida em que utiliza diferentes materiais inflamáveis em sua estrutura. Um exemplo são as estantes de madeira, fabricadas especialmente para o memorial, em substituição às tradicionais e seguras estantes de ferro. O segundo problema é que o instrumento de pesquisa usado para catalogar os livros nem sempre remete ao livro nas estantes, o que dificulta a localização de algumas obras. Vale lembrar, contudo, que, como não se trata de uma biblioteca utilizada cotidianamente pela comunidade, essa deficiência não acarreta maiores consequências.

Antes de passar ao item seguinte, vale sublinhar a preocupação do titular não somente com o destino da biblioteca, mas também com a sua própria constituição, com os livros que iriam formá-la. Em carta de 16 de dezembro de 2000, seu secretário, monsenhor Rafael Biernaski, solicitou a Stella Neves o depósito de um novo livro na biblioteca pessoal do cardeal, transferida em 1998 para São João Del-Rei, e sob sua

responsabilidade: “Caríssima Stella, a pedido do seu irmão cardeal Lucas, envio este volume para que seja depositado na biblioteca pessoal dele.”¹⁵

Heymann (2012), ao analisar a biblioteca do acervo de Darcy Ribeiro, avalia que o acúmulo de livros pretende representar a trajetória intelectual do proprietário. Da mesma forma, o cuidado com sua biblioteca pessoal e o investimento nos livros podem ser interpretados como uma tentativa de dom Lucas de controlar a atualização de sua memória intelectual *post-mortem* e ainda de influenciar as interpretações relacionadas à sua trajetória (HEYMANN, 2012). Não por acaso, de acordo com o *folder* lançado em 2003, a biblioteca faz parte do “patrimônio cultural” do memorial¹⁶.

3 OS USOS E O LUGAR DA BIBLIOTECA PESSOAL DE DOM LUCAS EM SEU MEMORIAL

A chegada dos livros à sua instituição de guarda foi assunto abordado em entrevistas por Stella Neves, irmã do cardeal dom Lucas, herdeira responsável por essa memória e primeira diretora do memorial. Além disso, Vandelir Camilo (2017) dedicou sua pesquisa de mestrado à criação do Memorial Dom Lucas e, na dissertação, apresentou um capítulo especial para a constituição da biblioteca.

A biblioteca pessoal de dom Lucas foi depositada, primeiramente, em um imóvel da irmã do cardeal devidamente preparado para esse fim. Ali, os livros foram cadastrados e higienizados. A coleção permaneceu nesse imóvel entre 1998 e setembro de 2003, quando foram transferidos para a recém-inaugurada sede do Memorial Dom Lucas. Atualmente, a biblioteca da instituição utiliza o mesmo sistema da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)¹⁷, por isso as obras estão todas informatizadas, podendo ser também consultadas *on-line*. A parceria foi uma iniciativa da irmã do cardeal e o então chefe da biblioteca universitária, que cedeu o sistema para Stella Neves digitalizar os livros.

É evidente que esses livros sofreram interferências de outros agentes, como secretários. Quando bispo auxiliar de São Paulo, dom Lucas teve como secretário o padre Celso Pinto da Silva, bispo auxiliar do Rio de Janeiro (1978-1981) e arcebispo de Teresina (2001-2008). Na arquidiocese de Salvador, assim como na cúria romana,

¹⁵Monsenhor Rafael [Vaticano]. Missiva para NEVES, Stella [SJDR MG]. 2003, 1 folha, Manuscrito

¹⁶*Folder* institucional, Memorial Cardeal dom Lucas Moreira Neves, São João del-Rei, setembro de 2003.

¹⁷Disponível em: <http://www.biblioteca.ufsj.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php>. Acesso em: 19 out. 2020.

o cardeal contava como uma estrutura de colaboradores. Depois que retornou a Roma, em 1998, teve como secretário pessoal o padre Rafael Biernaski. A falta de informação sobre a atuação de secretários e colaboradores sobre os livros durante a trajetória de dom Lucas e no envio do material a São João del-Rei não permite que compreendamos em que medida esses agentes podem ser considerados um artífice da memória bibliotecária de dom Lucas.

Com relação aos usos simbólicos e materiais adotados sobre os livros na narrativa do memorial ou dos agentes responsáveis, identificamos duas questões. Primeiramente, em relação aos usos materiais, observamos que todos os livros foram classificados; a biblioteca permite o acesso de pesquisadores ou usuários, contudo não trabalha com empréstimos, de forma que as consultas aos livros físicos somente podem ser realizadas na sede da instituição. É interessante observar que todos os objetos pessoais e religiosos que formam o museu, assim como os livros da biblioteca, foram devidamente registrados na escritura da instituição e são constantemente divulgados como “Patrimônio cultural de dom Lucas”, porém o arquivo pessoal do cardeal não consta nessa documentação e menos ainda na narrativa da instituição, estando mantido inacessível desde a sua inauguração, em 2003.

Quanto aos usos simbólicos da biblioteca, podemos observar que, na realidade, ela reflete a intelectualidade do cardeal. Houve, por parte dos gestores do memorial, investimentos sociais nesse espaço – pesquisas, exibição de obras raras – diversas vezes divulgadas pelos instituidores. Cabe frisar ainda que as informações sobre a biblioteca constam nos *folders* de divulgação institucional, e a irmã do cardeal faz referência aos livros raros depositados no memorial em entrevista pelos dez anos de funcionamento da instituição, em 2013.

O fato de a biblioteca ocupar lugar de destaque no memorial revela que os agentes dessa memória, a começar pelo seu titular, vislumbraram potencial nesses livros que integram o “Patrimônio cultural de dom Lucas”. Ou seja, o que fica visível é que a exaltação sobre essa biblioteca reflete, em grande parte, a exaltação dos instituidores e do titular da memória. No mais, a instituição ainda não vislumbra nenhum investimento que permita a divulgação ou outros usos sobre os livros dessa biblioteca pessoal.

As bibliotecas são capazes de sintetizar as memórias individuais e são lugares simbólicos onde a memória e a identidade se expressam e se revelam propiciadora

do desdobramento cultural humano, enquanto um equipamento cultural, pelos bens culturais que resguarda e permite o acesso, e como espaço de manifestação da cultura em suas mais diversas formas (ALMEIDA, 2016). Como aponta Silveira (2010), as bibliotecas têm a missão de preservar e organizar os insumos do conhecimento como “lugares de memória”, pois, assim, elas reafirmam uma identidade individual ou coletiva. Elas tendem a reafirmar os saberes e a torná-los móveis, traduzíveis, permutáveis, enfim, tentam dar sentido ao saber e ao fazer com que se torne um instrumento de reafirmação da identidade individual ou coletiva humana.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente gostaríamos de realçar a multiplicidade de possibilidades investigativas e de enfoque sobre bibliotecas pessoais institucionalizadas. Neste caso, preferimos problematizar a partir de diálogos multidisciplinares para conduzir este trabalho no campo da memória social e da biblioteconomia. Assim, optamos por refletir sobre o processo de criação da biblioteca do Memorial Cardeal Dom Lucas Moreira Neves e sobre o lugar ocupado pelos livros nessa instituição de guarda a partir de aspectos subjetivos, além de analisar os usos sobre esse acervo por parte da instituição custodiadora.

Postulamos que essa biblioteca somente foi reunida e classificada graças aos esforços dos guardiões da memória, no caso, familiares do cardeal imbuídos do desejo de preservar a memória bibliotecária de um prelado de origem são joanense e um dos mais influentes do século XX na Igreja Católica, no Brasil e no exterior. Percebemos que os agentes internos dessa instituição, além da diocese local, veem os livros desse cardeal como símbolo de uma trajetória social, religiosa e intelectual. Assim sendo, entendemos que essa biblioteca pessoal busca atualizar os discursos sobre a memória de dom Lucas, assumindo o sentido de um *lugar de memória* e *legado* intelectual do cardeal à comunidade. A noção de legado, aqui, corresponde a um investimento de memória constituído no presente com diferentes sentidos em olhar o passado, que variam e se renovam em função do futuro.

Em suma, esperamos que este artigo suscite outros interesses de pesquisa e produza conhecimento dentro do campo da biblioteconomia, da sociologia da religião e, especialmente, da memória social, por possibilitar análises interpretativas de como a memória, como produção de poder, influência ou não nosso presente. Para isso, trabalha-se com aspectos “funcionais, materiais e simbólicos” (NORA, 1993) na

criação de bibliotecas que têm como missão preservar a memória de determinados homens públicos (religiosos).

Em outras palavras, sugerimos estudos que analisem as subjetividades, a constituição do lugar de memória e a trajetória de livros pessoais de figuras públicas em suas instituições de guarda. Buscamos, com isso, apontar como, quando, onde, por que, por quem e em que contexto essas bibliotecas pessoais foram estabelecidas, mantidas e, agora, questionadas, entendendo-as como uma construção social de lugar de memória e legado intelectual de seus titulares.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vitoria Gomes; LIMA, Isabel França. Bibliotecas, cultura e memória: possibilidades e desafios. **Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Juazeiro do Norte, v. 2, n. 2, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/155/125>. Acesso em: 9 nov. 2020.

ARANTES, José Tadeu. **A trajetória do pensamento católico no Brasil**: pesquisa. Disponível em: http://www.espiritualidades.com.br/NOT/Not_2016/2016_02_01_Trajectoria_do_Pensamento_Catolico_no_Brasil-A.htm. Acesso em: 9 nov. 2011.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, n. 2, p. 27-39, jul./dez. 2009.

CAMILO, Vandelir. **O lugar da memória**: desafios e estratégias na criação do Memorial dom Lucas Moreira Neves. Salvador: Saga, 2018.

CAMILO, Vandelir. **Desafios e estratégias na criação do memorial dom Lucas Moreira Neves**. 2017. Dissertação (Mestrado em Bens Sociais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/18661>. Acesso em: 9 nov. 2020.

COUCHE, Denys. **A noção de culturas nas ciências sociais**. São Paulo: EDUSC, 2012.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o Arquivo de Gustavo Capanema. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 59-87, 1998.

GIDDENS, Antony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1/2, p.17-30, jan./dez. 1996. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/538.pdf. Acesso em: 9 nov. 2011.

HEYMANN, Luciana. **De arquivo pessoal a "patrimônio nacional"**: reflexões acerca da produção de "legados". Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.

HEYMANN, Luciana. **O lugar do arquivo**: a construção do legado de Darcy Ribeiro: Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

NEVES, Lucas; VAYNE, François. **Entrevista com François Vayne**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006. Disponível em: https://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/entrevista_com_francois_vayne-cardeal_moreira_neves-para_internet.pdf. Acesso em: 9 nov. 2011.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Proj. História, n. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 9 nov. 2011.

SILVEIRA, Fabricio José Nascimento da. Biblioteca, memória e identidade social.

Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, 2010.

Disponível em:

<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1102/772>. Acesso em: 9 nov. 2011.